



PERCURSOS
DO HOMEM E
DO GARRANO



CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO

GARRANO

O BRAVO CAVALO
DAS MONTANHAS



PERCURSOS
DO HOMEM E
DO GARRANO

GARRANO

O BRAVO CAVALO
DAS MONTANHAS



APRESENTAÇÃO

Com uma presença milenar no Noroeste Ibérico, o garrano desenvolveu estreitos laços com os povos que habitaram este território, em tempos de paz e em tempos de guerra. O garrano funde-se com a história de Portugal. Lado a lado com o Homem, tanto em árduas batalhas, como a puxar o arado, montado ou atrelado nas pequenas e grandes viagens, usado como meio de transporte por almocreves, padres e médicos, ostentado como símbolo de riqueza e exibido em feiras e festividades. A sua memória surge inscrita em gravuras rupestres, em motivos decorativos da Idade do Ferro, em moedas de ouro cunhadas na primeira dinastia, assim como na literatura portuguesa oitocentista.

Esta imbricada relação do garrano com a nossa identidade coloca-nos perante um desafio e uma oportunidade: preservar este legado cultural e genético e reinventar as funções do garrano nos modos de vida, aspirações e necessidades das novas gerações, a fim de tornar sustentável a conservação desta importante espécie autóctone e a valorização do seu território nativo.

A presente exposição pretende dar a conhecer com maior profundidade esta raça, que outrora tão próxima foi das nossas populações. Acreditamos que o conhecimento do nosso património, simultaneamente natural e cultural, é o primeiro passo para a consciencialização do seu valor e significado e para uma postura de preservação ativa.

As comunidades locais e visitantes são convidados a descobrir as características da raça garrana, a nível zoomórfico e comportamental, compreender porque motivo as serras do Minho oferecem ao garrano um habitat perfeito e perceber o contributo do garrano para a preservação da biodiversidade e para o equilíbrio ecossistémico das pastagens naturais de montanha. Esta exposição ambiciona, de igual modo, fazer renascer a ligação das nossas populações com o garrano, reconstituindo de forma acessível a narrativa histórico-arqueológica da presença desta raça equídea no Noroeste Ibérico, em busca das suas origens. Deste modo se recupera uma dimensão significativa da nossa memória coletiva, onde o garrano surge como parceiro épico de batalhas e conquistas, precioso aliado das comunidades rurais no quotidiano agrícola e motivo de ostentação nos dias de festa.

Conscientes do longo caminho a percorrer no domínio da investigação – genética, cognitivo-comportamental, histórico-arqueológica e etnográfica – foi desígnio do Município de Viana do Castelo retomar o legado de trabalhos precedentes, dando continuidade à missão de preservar e valorizar o garrano, enquanto património e ativo de desenvolvimento territorial.

A RAÇA GARRANA: QUE CAVALO É ESTE?

Durante o Paleolítico Superior, o arrefecimento climático, designadamente a última grande glaciação (*Würm*), que terminou há cerca de 10.000 anos, cobriu de gelo grande parte do norte e centro do continente Europeu, forçando a fauna a migrar para latitudes meridionais, com condições climáticas mais favoráveis.

Os equídeos terão acompanhado estas dinâmicas migratórias influenciadas pelo avanço e recuo das glaciações. Na Península Ibérica, apenas as cordilheiras montanhosas de maior altitude terão sofrido glaciações mais acentuadas, designadamente o Gerês, a Serra da Estrela e as montanhas cantábricas e ásturo-leonesas. Por este motivo, é provável que a Península Ibérica tenha constituído um refúgio para populações de cavalos Pleistocénicos que, anteriormente, se encontravam amplamente dispersos pela Europa. Evidências da investigação genética sugerem que, durante as glaciações, o norte da Península Ibérica e a região do Mar Cáspio terão constituído os reservatórios de todas as raças modernas de equinos europeus.

Os garranos são animais de pequena estatura (altura no garrote inferior a 1,35m), com peso aproximado de 290 kg, de perfil de cabeça recto ou côncavo, cabeça fina e grande. A pelagem é castanha escura, sendo a crina e a cauda pretas e muito densas. Embora não apresente manchas, pode ter tons mais claros no focinho, ventre e membros. Apresenta uma estrutura sólida e andamento curto.

Em estado selvagem os garranos organizam-se em grupos coesos, mais frequentemente constituídos por várias éguas com os seus potros e um único garanhão, sendo neste caso designado por harém, ou integrar vários machos. Os garanhões defendem a sua eguada, afastando outros cavalos e predadores.



Gravura rupestre do Cavalinho de Mazouco, Freixo de Espada à Cinta.



Decalque das gravuras com representação de equídeos em Fornelos (Montedor, Carreço). Adaptado de decalque original de Ivone Baptista, publicado em: Baptista, I. (1986). *Arte Rupestre de Carreço*. In *Boletim Cultural*. Centro de Estudos Regionais. Viana do Castelo, p. 116-128.

O GARRANO: UM BRAVO CAVALO DAS MONTANHAS



As manadas de garranos povoam os baldios das montanhas do Noroeste de Portugal e Galiza, onde ainda são criados num regime semisselvagem graças à sua robustez e excelente adaptação a este habitat. No século XIX, ascendia aos milhares o número de garranos que circulavam nestas serras. Ao longo da primeira metade do século XX, especialmente nas décadas de 30 e 40, a área de dispersão e o efetivo da raça sofreram uma redução progressiva e acentuada, contabilizando-se, em 1948, aproximadamente 40.000 indivíduos, resultado da profunda alteração de modos de vida, sistemas de produção, formas de mobilidade e do abandono rural da segunda metade do século passado. No presente, um efetivo de aproximadamente 1.500 garranos habita as áreas mais elevadas das serras do Alto Minho em cotas superiores aos 500 metros de altitude: Santa Luzia (549m), Arga (816m), Peneda (1373m), Amarela (1371m), Gerês (1431m) Cabreira (1256m).

Alimentam-se, predominantemente, em áreas de pastagens naturais de montanha, incluindo espaços arbustivos e prados húmidos. Em virtude de consumirem essencialmente gramíneas fibrosas e incluírem na sua dieta uma percentagem elevada de espécies lenhosas, não digeridas por outros animais que utilizam estes pastos, contribuem para a preservação da biodiversidade destes ecossistemas. Deste modo, os garranos podem constituir um instrumento biológico para o controlo da expansão excessiva das áreas de matos e espécies invasoras, contribuindo para a biodiversidade e para a redução dos incêndios silvestres.



PARCEIRO ÉPICO DE BATALHAS E CONQUISTAS: DA PROTO-HISTÓRIA AOS DESCOBRIMENTOS

Importantes fontes arqueológicas e históricas testemunham a importância do cavalo no modo de vida dos povos que ocuparam a Península Ibérica.

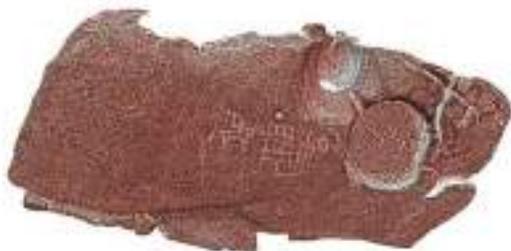
Desconhece-se a cronologia mais antiga da gravação de equinos no Noroeste da Ibéria, contudo é possível que muitas destas gravações correspondam à Idade do Bronze e do Ferro.

Em Viana do Castelo, encontram-se numerosas representações gravadas de equídeos que remontam a estas cronologias genéricas. Estas ocorrem, quer na plataforma litoral, quer nas vertentes das serras de Santa Luzia e de Perre, que bordejam os vales do Âncora e do Lima.

Refiram-se os equídeos e cavaleiros gravados num afloramento granítico do sopé da vertente sudoeste do alcantilado de Montedor, em Fornelos, da Laje da Churra, localizados na freguesia de Carreço, bem como os cavalos patentes nas lajes gravadas no lugar da Breia, em Cardielos e Serreleis (em estudo). Estrabão, geógrafo grego que viveu no século I a.C., descreve a Ibéria como produtora de um grande número de cavalos selvagens.

Os equinos do tronco céltico terão, de igual modo, desempenhado um papel relevante no repovoamento e fixação da população durante a Reconquista Cristã e no período da fundação da nacionalidade.

Cruzando o Atlântico a bordo das naus quinhentistas, o garrano esteve, igualmente, ao serviço das incursões exploratórias do Novo Mundo. Ajudou no reconhecimento de novos continentes, na instalação do homem nas mais diversas paragens, no desenvolvimento de economias. O património genético do garrano foi introduzido no continente americano, a par de outras raças de cavalos de origem Ibérica, pelos conquistadores espanhóis e portugueses.



Rocha gravada de Santo Adrião (Âncora, Caminha, Viana do Castelo) com equídeo e ginete lançando uma lança sobre eventual armadilha.
Fonte: Bettencourt, A. M. S. & Santos-Estévez, M. (2017). O conjunto de gravuras rupestres de Santo Adrião (Caminha, Portugal): embarcações, armas, cavalos e ex-votos. In *Actas do II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 22-25 novembro). Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP).



Cavalo com orelhas enfeitadas representado na Breia ó, Cardielos e Serreleis, Viana do Castelo (cortesia de Ana M. S. Bettencourt e Manuel Santos-Estévez).



Morabitino – moeda de ouro cunhada no reinado de D. Sancho I - 27 mm, 3,66 g - integra a série de moedas da Monarquia do Museu Casa da Moeda. Catálogo digital do espólio disponível em: <https://www.museucasadamoceda.pt/collection/19>

O GARRANO, UM PRECIOSO ALIADO DAS COMUNIDADES RURAIS DO ALTO MINHO: DO QUOTIDIANO AOS DIAS DE FESTA

Até à segunda metade do século XX, antes da mecanização dos trabalhos agrícolas e da disseminação dos transportes ferroviário e automóvel, o garrano desempenhava um papel muito importante na economia agropastoril, sendo intensamente utilizado pelas comunidades rurais.

A adaptação milenar do garrano ao habitat de montanha conferiu-lhe uma especial aptidão enquanto animal de transporte de pessoas e mercadorias em áreas de morfologia acidentada, com relevos íngremes. Por outro lado, os lavradores das regiões serranas do Minho encontraram na robustez do garrano um valioso auxiliar para os trabalhos de tração e lavoura no sistema agrícola de minifúndio. A sua robustez e resistência fizeram do garrano parceiro privilegiado dos almocreves no Minho, desde o período medieval até alvares do século XX. No seu natural andamento, designado por andadura, podiam percorrer, sem grande fadiga, 150 quilómetros em seis horas. O garrano será paulatinamente destituído das suas nobres missões, especialmente a partir da década de 40 do século XX.



Feiras Novas de Ponte de Lima, década de 1970.
Foto gentilmente cedida por Amândio de Sousa Vieira.



Feiras Novas de Ponte de Lima, Corrida de Garranos, Ponte de Lima, 1959.

Garranos numa Feira, Ponte de Lima, década de 50.

Fonte: Arquivo da Casa de Nossa Senhora d'Aurora, disponível on-line no catálogo FOTOMEMÓRIA - Memória do século XX, do projeto Lugar do Real, da AO NORTE - Associação de Produção e Animação Audiovisual (<http://lugardoreal.com/imaxe/corridade-garranos>)



O GARRANO E A EQUITAÇÃO DE TRADIÇÃO PORTUGUESA

O “passo travado” constitui uma prática equestre portuguesa de origem ancestral. Neste andamento, as pernas avançam não na diagonal, mas lateralmente. O cavalo levanta e apoia separadamente cada membro, de modo que as pancadas de cada um se ouvem separadamente. É o *numeratim* dos romanos: um, dois, três, quatro. O efeito é um movimento de balanço, como se observa no camelo.

A equitação de “passo travado” praticava-se um pouco por todo o Norte de Portugal, podendo ser encontrada desde a Galiza até Coimbra. Constituindo o “passo travado” uma prática equestre de origem popular, surge escassamente caracterizada nos tratados de equitação. São raros os documentos históricos que chegaram até à atualidade onde esta forma equestre seja descrita.



Exemplo de “peias” em ferro, utilizadas para ensinar aos animais o passo travado.



É vívida a memória das célebres corridas de “passo travado”, competições onde os proprietários mostravam o talento dos seus garranos adestrados para executarem este exigente andamento. Nas grandes feiras e festas da região, como as Feiras Novas em Ponte de Lima, as festas de Outeiro em Viana do Castelo, a Feira Anual da Cachena e do Garrano da Portela de Alvite, Sistel, Arcos de Valdevez, na tradicional bênção dos animais em Santo António de Mixões da Serra, concelho de Vila Verde, ou ainda nas festividades de Paredes de Coura e Terras de Bouro, as corridas de “passo travado” foram muito concorridas até à década de 80 do século XX. Após alguns anos de declínio, têm vindo a verificar um gradual renascimento.

O GARRANO: UM COMPANHEIRO DE DESCOBERTAS



A imbrincada relação do garrano com a nossa história coloca-nos, simultaneamente, perante um desafio e uma oportunidade: preservar este legado cultural e genético e reinventar as funções do garrano nos modos de vida, aspirações e necessidades das novas gerações.

Se a raça garrana é já bem conhecida e encontra-se perfeitamente classificada do ponto de vista zoomórfico, há cerca de dois anos principiaram a ser dados os primeiros passos no sentido do estudo sistematizado do comportamento social do garrano em estado semisselvagem, por um grupo de investigadores da secção de Linguagem e Inteligência da Universidade de Quioto e investigadores da Universidade Sorbonne Nouvelle, com um protocolo estabelecido com o Município de Viana do Castelo. O trabalho de campo desenvolvido na Serra de Arga permitiu importantes avanços no conhecimento respeitante à composição, mobilidade e dinâmicas dos grupos de garranos.

Em Viana do Castelo, algumas escolas equestres introduziram o uso do garrano na equitação infantil e juvenil, em virtude da adequação da menor estatura e docilidade do garrano ao ensino de crianças, especialmente até aos 12 anos de idade.





PERCURSOS DO HOMEM E DO GARRANO



O projeto “Percurso do Homem e do Garrano” elegeu como missão aproximar o garrano das nossas populações e visitantes, conferindo-lhe um novo protagonismo na fruição turística e de lazer dos nossos espaços naturais de excelência e promovendo a divulgação das características, habitat e potencialidades da raça. O Município de Viana do Castelo ambiciona que os trabalhos em curso no plano da investigação e valorização do garrano sejam apenas a etapa inicial de um caminho a percorrer, tendo em vista a preservação desta raça autóctone, com um efetivo hoje muito reduzido e subvalorizado, através da redefinição do seu lugar na nossa economia e estratégia ambiental. Neste âmbito, o garrano pode desempenhar um importante papel na esfera científica, didática e de impulso ao turismo na Serra de Arga, colocando-o num lugar central para o desenvolvimento futuro deste espaço de montanha.







PERCURSOS
DO HOMEM E
DO GARRANO



CÂMARA MUNICIPAL
VIANA DO CASTELO

CÂMARA MUNICIPAL
DE VIANA DO CASTELO

Passeio das Mordomas da Romaria
4900-877 Viana do Castelo

T. (+351) 258 809 300
www.cm-viana-castelo.pt
cmviana@cm-viana-castelo.pt

www.garranos.pt

NORTE 2020
PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL NORTE

PORTUGAL
2020



Fotografias Ana M. S. Bettencourt | Andreia Amorim Pereira | Carlos Pereira | José Paulo Vieira | Lucie Seuret | Manuel Santos-Estévez | Rui Carvalho

